

Soka Gakkai Internacional

SGI Quarterly

Um fórum budista pela paz, cultura e educação

Número 85 | Julho 2016



Nesta edição

Reflexões para Curar um Mundo Dividido *Laura Rediehs* **Quando o Coração Endurece** *Mustafa Cerić*
O Poder das Mulheres Está na Solidariedade *Ruth Ojiambo Ochieng*

A **SGI Quarterly** reúne vozes de uma série de indivíduos e grupos que exploram respostas criativas para os desafios comuns do nosso tempo.

O *Fórum* tem como objetivo gerar diálogo e interesse em temas relacionados com a construção de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos para a melhoria da sociedade. Para ver o arquivo das edições anteriores e participar com a sua opinião, visite *Common Threads*, uma página no Tumblr criada pela Soka Gakkai Internacional (SGI), em commonthreads.sgi.org.

Em Foco destaca as atividades das organizações da SGI e instituições afiliadas ao redor do mundo; a seção *Pessoas e Perspectivas* apresenta histórias e reflexões sobre a visão budista da vida; e *Budismo na Vida Diária* explora princípios budistas e sua aplicação à vida moderna.

As opiniões expressas nesta revista não são necessariamente as da SGI. A solicitação para reimpressão de qualquer texto da revista ou do *Common Threads* deve ser encaminhada para o e-mail: quarterly@sgi.org. Esta edição e as anteriores podem ser baixadas do site da SGI: www.sgi.org.

Edição editorial:

Anthony George
Azumi Tamae
Margaret Sutherland
Marisa Stenson
Michael Salisbury
Motoki Kawamorita
Richard Walker
Sonal Malkani
Yoshiko Ogushi
Yoshinori Miyagawa

Edição em português:

Coordenação:
Divisão de Relações Públicas da BSGI

Colaboradores:

Ana Cristina Lopes
Celi Yuri Shimabukuro Saito
Edson Italo Yukimaru
Fernanda de Castro Caetano
Flávia de Araújo Sapienza
Henrique Kubota
Juliana Kazue Nakasaki
Laura Martins
Luci Goshima da Costa
Luana Miranda
Maria Alice da Costa
Mariana Watanabe
Marta Gomes da Silva
Michele Carla da Silva Caramigo
Mitiyo Santiago Murayama
Mônica Kimura
Núbia dos Santos
Priscila Pommerening Kajita
Rosângela Aparecida Arruda
Silvana Vicente
Solange Tobaja Aidar
Sonia Sanae Morita Marcello da Silva
Tabata Mayumi Yamada
Talita Gomes de Santana Marcitelli
Viviane de Oliveira

Publicado pela Soka Gakkai Internacional

Direção de Arte & Design: Modis Design

© 2016 Soka Gakkai Internacional

Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil.

“E se os oceanos nos rejeitassem? E se o ar se negasse a atender às necessidades humanas? E se a nossa comida se tornasse veneno mortal?”

Mustafa Cerić

06

08



“Para a construção de sociedades que sejam resistentes à xenofobia e à apologia ao ódio, as pessoas precisam ser advertidas que estão expostas a diferentes perspectivas.”

Daisaku Ikeda

18

22



Índice

- Fórum** **02** **Reflexões para Curar um Mundo Dividido**
Laura Rediehs
- 06** **Quando o Coração Endurece**
Mustafa Cerić
- 08** **O Poder das Mulheres Está na Solidariedade**
Ruth Ojiambo Ochieng
- 12** **Humanismo Mais Elevado: O Caminho para a Iluminação**
Nur Yalman
- 14** **O Poder Restaurador da Filosofia**
Entrevista com Lou Marinoff
- 18** **Enxergando Além do Esperado**
Daisaku Ikeda
- Pessoas e Perspectivas** **20** **Faça-me Tocar Maravilhosamente: Lições de Vida e Liderança**
James Greening
- Em Foco** **22** **Fortalecendo a Voz da Mulher na ONU**
Ivy Gabbert
- 25** **Jovens Plantas da Paz: Fazendo da Dignidade uma Questão Pessoal na Tailândia**
Chanikarn Mint Wongviriyawong
- Budismo na Vida Diária** **27** **O Gohonzon**

Reflexões para curar um mundo dividido

Laura Rediehs

*A conflituosa e fragmentada situação do nosso mundo hoje pode parecer avassaladora e insolúvel. A filósofa **Laura Rediehs** analisa como os indivíduos podem começar a reumanizar a sociedade e ajudar a preparar o caminho para mudanças estruturais mais abrangentes.*

Existem muitas forças desumanizadoras no mundo de hoje que incluem desde como priorizamos sistemas, tecnologias e dinheiro acima do bem-estar humano até demonização que ocorre quando indivíduos se tornam violentos como forma de lidar com o conflito. A desumanização está enraizada em um fato lamentável da existência humana: enquanto os seres humanos são criaturas interdependentes que precisam uns dos outros para sobreviver, os seres humanos também são seu pior inimigo natural. Nossa reação a esse problema é formar estreitas ligações com aqueles em quem confiamos e desconfiar de estranhos, pelo menos inicialmente. Nossa desconfiança de estranhos pode se transformar em desumanização durante períodos de estresse, ansiedade e medo.

Infelizmente, essa tendência na natureza humana pode ser explorada não só por aqueles que desejam incitar seus grupos contra supostos inimigos, como também por aqueles que desejam dividir grupos uns contra os outros, a fim de ganhar poder sobre todos (a antiga estratégia de dividir para conquistar). Em ambos os casos influencia a acender e propagar as chamas do medo. O medo causa a reação de lutar ou fugir; essas reações são uma tentativa de nos distanciar dos nossos “inimigos” para nos proteger de sua influência destrutiva. Atualmente, testemunhamos o crescente medo, a ansiedade e a divisão em nosso mundo, mas o que podemos fazer para combater essas forças? É possível a reumanização durante esses tempos de ansiedade?

Ser a Mudança

Embora a cura do nosso mundo dividido exija mudanças estruturais em grande escala, há muita coisa que todos nós podemos fazer para ajudar a preparar o caminho para essas alterações de maior escala. Precisamos de métodos não violentos de resolução de conflitos para substituir a guerra, mas, ao mesmo tempo, podemos praticar a não violência em nossa vida diária. Precisamos da instituição da justiça econômica para resolver os problemas de alocação de recursos que estão na raiz da maioria dos conflitos, e, ao mesmo tempo, podemos praticar os princípios básicos da justiça econômica conduzindo eticamente nosso próprio processo de tomada de decisão econômica. Precisamos de nossos líderes políticos para trabalhar para o bem comum, porém podemos ser esse modelo de liderança dentro de nossas próprias esferas de influência. Precisamos do sistema educacional e dos meios de comunicação para compartilhar histórias de trabalho construtivo para criar um mundo melhor, em vez de incitar o medo e a ansiedade, cultivando o que o teólogo Walter Wink descreveu como o “mito da violência redentora”. Podemos fazer a nossa parte, evitando reforçar a ansiedade e o desespero e, em vez disso, aprender e compartilhar histórias positivas de resolução criativa de problemas.



▲ Butaneses locais assistem uma apresentação de dança num festival anual — o senso positivo de comunidade é a chave para eliminar as forças de divisão na vida diária

Também podemos combater as forças divisoras na vida diária, tentando encorajar um senso positivo de comunidade à nossa volta. A chave para uma vida plena é se sentir conectado a uma comunidade de apoio. Ansiamos por isso, queremos ser vistos, conhecidos, respeitados, apreciados e valorizados. Em nosso sucesso, queremos que os outros celebrem conosco. Nos nossos fracassos, decepções e perdas, esperamos por empatia, compreensão, perdão e compaixão. Queremos e precisamos dos outros conclamando a nos tornar o melhor de nós mesmos e nos apoiando a fazê-lo. Nós mesmos desempenhamos papel na criação e manutenção de tais comunidades. Interagimos com outras pessoas todos os dias, mas como interagimos? Será que somos amigáveis, generosos e solidários? Ou realmente enxergamos as pessoas em nossa vida, valorizando-as pelo que são e não apenas pela forma como podem ser úteis para nós?

É relativamente fácil valorizar aqueles que achamos atraentes, que são simpáticos, prestativos e gratos, especialmente se vivem em um mundo de experiência semelhante à nossa e pensam como nós. A comunidade construtora ideal também propaga simpatia, apoio e compaixão para aqueles que podem ser mais difíceis de se conectar — aqueles considerados socialmente desajeitados, ou rudes, ou aqueles cujos modos de pensar podem nos ofender. É muito fácil evitar esse tipo de pessoa, talvez motivado por um impulso de autoproteção ou possivelmente em uma intenção inconsciente ou semiconsciente para puni-los por aquilo que entendemos como comportamento problemático. No entanto, essas pequenas formas de evitar uns aos outros cria fraturas que podem se transformar em fendas maiores quando aplicadas pelas crescentes forças divisoras na sociedade.



▲ Pessoas escrevem mensagens de paz numa réplica da barreira de separação de 8 metros de altura construída em Israel, um incentivo à arte interativa no festival “Bethlehem Unwrapped” pela paz, Londres, Reino Unido

Coragem, virtude esquecida

Reumanização começa por nos reumanizarmos uns aos outros. A gênese de nos distanciarmos daqueles que nos incomodam está enraizada no medo. O medo é envolvente e nossa obediência cega a ele pode nos levar à imoralidade. Não é que devamos ignorá-lo e nos tornar imprudentes, mas devemos tentar cultivar outro valor relacionado a ele: a virtude esquecida da coragem. Embora seja de fato arriscado se conectar com aqueles que temos dificuldade de gostar, Richard Gregg, um dos pioneiros do movimento pacifista americano, observou em seu livro *Power of Nonviolence* [O Poder da Não Violência]: “O medo se desenvolve a partir da presunção de relativa fraqueza. Uma vez que todos têm a possibilidade inata de força moral, ter medo é realmente uma negação dos próprios poderes potenciais morais e por isso é muito danoso”. Suas palavras aqui ressoam com a definição de Platão de “dano” como “diminuição da virtude”. Platão observa (nas obras *A República* e *Apologia de Sócrates*) que as pessoas verdadeiramente boas nunca podem ser afetadas, pois elas prezam tanto a virtude que não deixam nenhum dos desafios da vida transformá-las em seres humanos piores. Em vez disso, enfrentam todos os desafios perguntando “Como posso reagir a essa experiência de forma que eu me torne uma pessoa melhor? Mais sábio, corajoso e compassivo?”.

Devemos apoiar uns aos outros para não sermos governados pelo medo, e sim aprendermos a tirar proveito do poder superior que a moralidade nos dá, como observado por Gregg e Platão. Reivindicamos esse poder dando início à reumanização: ultrapassando as linhas da divisão para se conectar com o Outro como ser humano de grande valor. Tal ato estabelece o primeiro passo para a construção de uma ponte de confiança. Esse primeiro ato de ultrapassar o abismo do medo pode parecer irracional. Quase ninguém, em qualquer dos lados, vai gostar se vir isso acontecer. Ambos os lados vão sentir essa primeira conexão como brecha no muro de proteção divisor e prevendo essa violação desencadeará uma fúria destrutiva oculta. Na realidade, esse primeiro gesto provavelmente não será arriscado para ninguém pela simples razão de que as pessoas gostam de ser valorizadas e têm dificuldade de continuar demonizando aqueles que as tratam com respeito. É verdade que a brecha no muro vai liberar energia, mas a energia liberada pode ser aproveitada para transformar as relações e criar uma nova comunidade compartilhada de confiança.

Valorizar aqueles que nos ofendem pode parecer impossível. Podemos nos opor a suas palavras, comportamentos ou estratégias, e até mesmo ter sido profundamente feridos por suas ações passadas. Porém, se continuarmos presos às nossas



▲ Estudantes em Secunderabad, Índia, celebram o legado da não violência de Mahatma Gandhi em 30 de janeiro, aniversário do assassinato de Gandhi

razões para o ódio mútuo, nunca encontraremos a segurança e proteção que buscamos. Richard Gregg observou que o conflito não pode ser resolvido no nível do próprio conflito porque a resolução exige encontrar suas causas mais profundas. O falecido psicólogo Marshall B. Rosenberg, em *Nonviolent Communication* [Comunicação Não Violenta], define conflito como “expressão trágica de necessidades não satisfeitas”. Em geral, nós nos distraímos com a parte da “expressão trágica” — a dificuldade da língua ou comportamentos questionáveis — e acabamos não atingindo os níveis mais profundos de identificação das necessidades reais. Confundimos nossas estratégias com nossas necessidades e, por esse motivo, não percebemos que é o fracasso dessas estratégias, que resultam em aparente intratável conflito. Esclarecer as necessidades mais profundas de todos os envolvidos proporciona a oportunidade de encontrar novas soluções potenciais.

Esclarecer as nossas próprias necessidades verdadeiras e descobrir as necessidades mais profundas do Outro é uma maneira de encontrar um denominador comum, porque todos nós compartilhamos as mesmas necessidades básicas. Entendemos uns aos outros no nível das necessidades é o que constrói simpatia e compreensão e nos ajuda a encontrar a bondade fundamental do outro. É quando vemos a bondade dos outros que começamos a valorizá-los.

Quando conseguirmos verdadeiramente valorizar nossos antigos inimigos, vamos convidá-los a uma nova comunidade que transcende as linhas de divisão que anteriormente nos separou. Essa nova comunidade é de confiança, e por mais frágil que a confiança inicial possa ser, ela oferece outras possibilidades para uma verdadeira reconciliação. Uma comunidade de confiança oferece mais estabilidade e segurança que os mais fortes muros de divisão.



Laura Rediehs é professora associada de filosofia e cofundadora e atual coordenadora de Estudos da Paz na Universidade de St. Lawrence, Canton, Nova York. Também é membro da Sociedade Religiosa de Amigos (Quakers).



▲ Exposição ao ar livre em Paris, França, marcou o centenário da Batalha de Verdun, ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial e considerada a mais longa e feroz na história do mundo

Quando o coração se enrigesse

Mustafa Cerić

*Imã **Mustafa Cerić**, o Grande Mufti Emérito da Bósnia-Herzegovina, explica por que apoiou a declaração conjunta “Comunidades de Fé Preocupadas com as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares”, apresentada na Conferência sobre os Impactos Humanitários das Armas Nucleares, realizada em Viena, Áustria, em 2014.*

Não sou biólogo nem antropólogo. Não tenho conhecimento detalhado das ciências sociais. E não sou especialista em psicologia e desenvolvimento humano. Sou humanista com uma mente humana cansada e um coração humano sensível. Tenho medo quando enfrento as realidades da ameaça nuclear à vida humana na Terra; fico amedrontado com o risco das mudanças climáticas — temperaturas globais que nos últimos anos têm variado do grau mais alto para o mais baixo já registrado na história; e fico apavorado com imagens da fome mortal que atinge tantas pessoas no mundo, quando 1% dos homens mais ricos possuem 48% da riqueza do mundo.

Mas, mais que isso, estou com medo porque há pessoas que não se preocupam com estas três iminentes ameaças à humanidade — armas nucleares, mudança climática e fome. É como se, para algumas pessoas, a vida na Terra não importasse; como se existisse outro planeta para o qual pudéssemos escapar. Não, não existe outro refúgio para nós no cosmos se destruímos este lugar que nos foi confiado viver.

Refugiados do massacre na Síria ainda têm esperança de encontrar um santuário na Europa ou em outras partes da Terra. Mas, e se não houvesse um local seguro na Terra para as pessoas irem? E se os oceanos nos rejeitassem? E se o ar se negasse a atender às necessidades humanas? E se a nossa comida se tornasse veneno mortal?

Imagine extraterrestres observando a nós, seres humanos. Será que nos diriam que parecemos animais em uma floresta? Ficariamos ofendidos com a avaliação deles? Talvez os animais é que se ofendessem ao serem comparados com os humanos — humanos que matam deliberadamente, ao passo que os animais na selva matam apenas por comida.

“Não! Não!” — protestariam os seres humanos. “Não somos animais. Somos humanos. Temos coração que ama. Temos mente capaz de pensar de forma complexa. E temos mãos que matam... Mas, ainda sim, somos humanos. Vocês, extraterrestres, estão errados. Não somos animais que matam uns aos outros na selva. Somos humanos e sentimos amor mútuo! Realizamos conferências de paz pelo mundo para mostrar nosso amor. Estamos unidos em uma grande alma humana em prol da paz. Vocês não veem, amigos? Nós conferenciamos uns com os outros pelo bem do nosso planeta — um planeta onde gostamos de viver em paz como humanos, não como animais. Portanto, não nos chamem de animais. Somos de fato humanos.”

Mas, e se nossos amigos extraterrestres, seres de outro planeta, nos perguntarem sobre as atuais guerras — não uma, mas várias — que assolam o nosso mundo? E se nos confrontarem com a verdade de que nós, seres humanos, que não gostamos de ser comparados aos animais, sabemos como falar de paz, mas não sabemos como parar de fazer guerra?

E se nossos amigos extraterrestres nos dissessem que nós, seres humanos, somos hipócritas, que temos dificuldade em dizer a verdade, porém somos peritos em manipulação e mentiras?

São perguntas difíceis, não são? Então, como nós — humanos, e não animais — devemos responder aos nossos amigos extraterrestres? Cada um de nós deveria tentar se esforçar ao máximo para isso.

Como sobrevivente do genocídio na Bósnia, testemunhei a pior guerra desde a Segunda Guerra Mundial. O brado “Nunca mais” falhou na Bósnia. Mais uma vez, uma afronta intolerável para a consciência humana ocorreu: genocídio. Eu vivi isso. E

E se os oceanos nos rejeitassem? E se o ar se negasse a atender às necessidades humanas? E se a nossa comida se tornasse veneno mortal?

sobrevivi para comprovar que a lei não existe em livros mas no coração humano, e no coração existe a alma, e na alma há a confiança, e a confiança está em Deus, o Amoroso, o Misericordioso, o Cuidadoso, o Bom.

Dessa forma, gostaria de perguntar aos nossos amigos extraterrestres “Como podemos encontrar nosso coração, nossa alma? Como podemos recuperar nossa confiança? Como podemos adquirir confiança em Deus, que está nos observando enquanto estamos aparentemente perdendo o juízo, o sentimento, a alma, a confiança no outro?”

Sim, precisamos de ajuda, porque estamos ficando desamparados e sem esperança.

Necessitamos que alguém nos diga como ajudar a menininha síria que está chorando, com o rosto manchado de lágrimas e sangue, bem diante de nossos olhos!

Precisamos de alguém que nos mostre como dar esperança a um garotinho que está à deriva no oceano, fugindo de guerras sem fim em busca de segurança!

Necessitamos de alguém do céu para amolecer nosso coração humano, que parece ter se tornado mais duro que a rocha.

Há rochas de onde rios jorram; há rochas que se dividem para fazer a água fluir; de fato, há rochas que caem diante de Deus Misericordioso. Mas alguns corações humanos são mais duros que rochas. Esses duros corações humanos são os progenitores da guerra.



Mustafa Cerić é o Grande Mufti Emérito da Bósnia-Herzegovina e atualmente é presidente do Congresso Mundial da Bósnia. É membro do Conselho dos 100 Líderes do Fórum Econômico Mundial e recebeu o Prêmio pela Paz Felix Houphouët-Boigny, da Unesco.

O poder das mulheres está na solidariedade

Ruth Ojiambo Ochieng

*O trauma da guerra destrói vidas e comunidades e, na maioria das vezes, as mulheres arcam desproporcionalmente com as consequências do conflito violento. Mas quando as mulheres são assistidas para a cura, os efeitos desse empoderamento podem ser de grande alcance, como descreve **Ruth Ojiambo Ochieng**.*

Em novembro de 1994, ingressei nesta vibrante organização feminista internacional, cujo nome deriva de Isis, deusa egípcia que simboliza sabedoria, conhecimento e criatividade. A Isis-Wicce (Women's International Cross Cultural Exchange [Intercâmbio Intercultural Internacional de Mulheres]) valoriza a justiça, a equidade e o respeito pela humanidade. Seus valores são os meus próprios valores, e foi assim que facilmente fui envolvida na organização.

Uma coisa que me impressionou quando entrei para Isis-Wicce foi que no ano anterior a instituição se mudara de Genebra, Suíça, onde fora fundada em 1974, para Uganda, África, a fim de fazer ouvir a voz das mulheres africanas e inflamar sua liderança. Isso buscou amplificar a voz das mulheres e aprofundar seu ativismo num momento em que muitos países africanos enfrentam a insegurança e o militarismo.

Foi estratégia da Isis-Wicce dar voz às mulheres em situações de conflito armado e dar visibilidade à sua contribuição para a construção da paz, bem como seus papéis em muitos dos chamados “movimentos de libertação”, pois, nas narrativas existentes da época, elas eram simplesmente vítimas do conflito armado; não havia conhecimento da sua

força inerente que, ao longo de décadas, manteve unidas comunidades destroçadas por conflitos violentos.

Em seus esforços para traçar o perfil do poder das mulheres na construção da paz, era importante para a organização rever as estratégias empregadas em Genebra, uma vez que queriam chamar a atenção para a voz genuína das mulheres na África. A estratégia anterior de documentar as histórias delas e reuni-las em um centro de documentação evoluiu para um programa de pesquisa de pleno direito, voltado para a ação que, ao longo dos anos, aumentou a colaboração das mulheres, a definição da agenda e a geração de conhecimento.

Proporcionar confiança e espaço às mulheres expôs a Isis-Wicce à dor inimaginável e a questões de mulheres sobreviventes, mas, ao mesmo tempo, trouxe reconhecimento à resiliência e à urgência de transformar a vida delas e suas comunidades. Também indicou à organização um aspecto fundamental: as mulheres queriam reconstruir a vida e se envolver no desenvolvimento, porém foram impedidas por restrições físicas e emocionais. Todas as mulheres que documentamos nos disseram: “Nossa prioridade é a cura de nosso corpo, mente e espírito”.



▲ Refugiados próximos à fronteira entre Uganda e República Democrática do Congo; por décadas a região é devastada por conflitos violentos, e as mulheres sofrem suas consequências

Isso levou a Isis-Wicke a inovar parcerias com profissionais médicos para restaurar a integridade física e a dignidade das mulheres. Nos acampamentos de cura para os sobreviventes em suas comunidades, vimos como o potencial de liderança dessas mulheres se tornou aparente imediatamente após o processo de cura ter sido conduzido. Começamos a envolvê-las em nosso programa de intercâmbio multicultural, que visa fortalecer a liderança ativista e a participação política das mulheres para que uma vanguarda de mulheres se envolva na transmissão do conhecimento feminista para defesa, visibilidade e influência. É por meio desse processo que encontramos Amuge Hellen.

Amuge Hellen: sobrevivente e agente da mudança

Ao longo dos anos temos visto o tremendo impacto da liderança das mulheres em várias comunidades. Uma das histórias mais emocionantes é a de Amuge Hellen, uma mulher de 50 anos do distrito de Amuria, região oriental de Uganda, sobrevivente de estupro que conhecemos em 2008. Ela havia sido diagnosticada com HIV/Aids, o que levou seu marido, familiares e alguns dos membros da comunidade a renegá-la.

O tormento dela começou em 1986, quando ladrões de gado da etnia Karamojong de sua região atacaram sua casa, saquearam vacas e cabras (única fonte de sua subsistência) e incendiaram sua propriedade. Rebeldes vieram logo depois, em 1987. Eles mataram seu pai e torturaram membros de sua família, arrastaram-na ao chão, causando dano à pele dos seios, e cortaram suas orelhas antes de estuprá-la em grupo. Em 2003, Amuge sofreu outro ataque violento pelo Exército de Resistência do Senhor, o que levou a família a se deslocar de um lugar para outro, permanecendo em campos de refugiados. Ela se recorda de que foi nessa época que começou a sentir dores no corpo e decidiu fazer o teste de HIV/Aids.

Amuge entrou em contato com a Isis-Wicke por iniciativas de sensibilização de Cecilia Engole, líder da sub-região de Amuge, que havia feito parte do programa de intercâmbio da instituição e criou uma organização comunitária chamada Mulheres Ativistas da Paz de Teso (Tewpa). Após conhecer Amuge, convidou-a para sessões de aconselhamento, as quais ela [Cecilia] havia iniciado para apoiar sobreviventes de estupro e pessoas afetadas pelo HIV/Aids e ajudar a combater o preconceito associado a isso. Lá, Amuge teve a oportunidade de compartilhar experiências e rir e chorar junto com outros sobreviventes, o primeiro passo na restauração da esperança.



▲ Amuge no pomar do grupo

Em 2005, a agora fortalecida Amuge iniciou um grupo de apoio em sua aldeia para pessoas com HIV/Aids. Como o tratamento antirretroviral (ARV) na época só era acessível por meio de pagamento, ela sugeriu ao grupo de 45 pessoas começar um fundo rotativo no qual os membros contribuiriam com 500 xelins (menos de US\$ 0,15) por semana. A cada mês o fundo coletado seria fornecido a um integrante do grupo para apoiá-lo no acesso a alimentos e outras necessidades básicas e para lhe permitir pagar por seus ARVs. Por essa ação coletiva, a saúde das mulheres do grupo melhorou drasticamente.

Capacitando pessoas

Durante os processos anuais de monitoramento da Isis-Wicce em 2008, a Tewpa apresentou o grupo de Amuge à Isis-Wicce. Vimos uma mulher frágil, mas muito determinada, que estava cheia de grandes ideias para a melhoria do bem-estar de seu grupo. Ficamos consternados ao conhecer sua jornada e a grande resiliência que lhe permitiu amparar os outros. Ela nos disse que o que a salvou da morte foi a Tewpa lhe fornecer espaço para voltar à condição de ser humano novamente e que isso lhe deu a capacidade de fazer aos outros o que a Tewpa fez a ela.

A Isis-Wicce foi estimulada a dar mais um passo para contribuir com o sonho de Amuge de viver com dignidade. Naquele mesmo ano nós nos aproximamos do Fundo de Ação Urgente e coletivamente desenvolvemos uma proposta de financiamento para apoiar grupos de mulheres com HIV/Aids em Uganda, Libéria, Zimbábue e Quênia. Reunimos um seletivo número desses sobreviventes em uma

Vimos uma mulher frágil, mas muito determinada, que estava cheia de grandes ideias para a melhoria do bem-estar de seu grupo.

mesa-redonda com os financiadores em Nairóbi. Amuge foi uma daquelas que viajou de avião para Nairóbi. Essa foi uma experiência inovadora para ela, que nunca mais foi a mesma. Na conversa com patrocinadores, ela eloquentemente compartilhou sua história e o que fizera até aquele momento; e lhes disse: “Quero dinheiro para o sustento do meu grupo de pessoas com HIV”.

Amuge propôs a aquisição de vacas para o grupo, recebeu 24 animais, e os membros concordaram em compartilhar a responsabilidade de cuidar das vacas. Aqueles que estavam muito doentes para fazer isso foram capazes de usar o dinheiro do fundo rotativo para contratar um ajudante. Amuge também propôs a compra de vacas, pois ajudariam o grupo a lavrar a terra, a cultivar alimentos nutritivos e a fornecer leite que poderiam ser vendidos para gerar receita. Ela também sugeriu a capacitação para melhorar a motivação por seus direitos humanos e sensibilização das comunidades com pessoas com HIV/Aids.

Atualmente, o grupo de Amuge tem 168 vacas, uma média de três para cada membro. Na terra dada a eles pelo marido de uma integrante do grupo (que ainda vive com a mulher contaminada), eles plantaram um pomar de laranja. Esses dividendos permitiram ao grupo acessar os ARVs até o momento em que o governo de Uganda foi capaz de fornecê-los gratuitamente.

A defesa entusiasmada de Amuge forneceu à Isis-Wicce o desafio de continuar a apoiá-la para concretizar sua missão, a de possibilitar que cada mulher contaminada viva com dignidade. Essa visão nos levou a preparar Amuge para influenciar a política e, em parceria com o Centro para Saúde e Equidade de Gênero (Change), em Washington, ela foi convidada para uma mesa-redonda na Casa Branca para envolver os legisladores nas decisões sobre a política de HIV nos Estados Unidos. Foi uma vitória surpreendente para essa fundadora de um grupo de mulheres com quem ninguém queria se associar, pois elas eram desprezadas como “cadáveres ambulantes”!

Após a viagem a Washington, Amuge começou a escrever relatórios e convidar a Isis-Wicce para documentar os sucessos do grupo. Em vez de escrevê-los, treinamos o grupo para documentar as próprias histórias. Seu próximo objetivo é publicar um livro. Em 2015, apresentamos o grupo à Fundação Stephen Lewis do Canadá, que apoiou ainda mais seu projeto de meios de subsistência e seus esforços na capacitação por meio da agricultura sustentável e sensibilização da comunidade.

A história de Amuge é uma entre muitas, e ainda não terminou. É um exemplo de como as mulheres que foram vítimas de conflitos violentos e discriminação, e com um pouco de apoio e incentivo foram capazes de se tornar uma força para a paz e elevação.



Ruth Ojiambo Ochieng de Uganda era, até a sua aposentadoria em dezembro de 2015, diretora executiva do Intercâmbio Intercultural Internacional de Mulheres (Isis-Wicce). Nesse ano, era integrante do painel consultivo de 17 membros da ONU Mulheres para avaliar a implementação da Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas) e continua a ser consultora estratégica sobre mulheres, paz e segurança humana. É membro do conselho diretivo da Associação para os Direitos da Mulher e o Desenvolvimento (AWID).

Humanismo mais elevado

O caminho para a iluminação

Nur Yalman

A essência da antropologia é a empatia. O grande antropólogo francês Claude Lévi-Strauss escreveu esse fato com precisão. Sem empatia é impossível entender a mentalidade das outras culturas e civilizações. Temos de ser capazes de nos colocar no lugar do outro. Somente após isso, o diálogo entre duas mentes se torna produtivo e possível.

Lévi-Strauss não estava sozinho, ele se referia diretamente ao trabalho do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, a quem considerava figura-chave do pensamento humanista francês. A preocupação pela empatia está diretamente relacionada à jornada para a iluminação, humanismo mais elevado e os direitos dos homens conforme foram formulados naqueles anos arrebatadores da Revolução Francesa que transformou a Europa.

O interesse na empatia e no diálogo não era apenas uma preocupação francesa. Nós também encontramos na rica tradição alemã quando Max Weber escreve sobre *Verstehende Soziologie* — a sociologia da compreensão, a necessidade de entrar em subjetividades e entender outras mentes e outras culturas em seus próprios termos.

O que é desesperadamente necessário no nosso mundo atual é de fato humanismo mais elevado: um senso de reconhecimento e respeito que possa ressoar com todas as religiões mundiais, humanismo que vai além do tribalismo cotidiano religioso, humanismo baseado primeiro no respeito pelas visões de outras pessoas e, em segundo lugar, no respeito ao indivíduo — o que André Gide chamou de “o mais insubstituível dos seres”.

Qualquer um que tenha perdido um ente querido reconhecerá imediatamente que aquele ente perdido — mãe, irmã, filho, filha, pai, neto, um ente querido — é sem dúvida insubstituível.

Por que agora é necessário falar sobre humanismo mais elevado? Para os cristãos, Jesus, Maria e os santos não são bons o suficiente para todos? Ou para os muçulmanos, Mohamed e Ali, os poetas divinos Rumi, Khayyám e Hafez e os grandes pensadores Avicenna e Averroes não são suficientes

para todos? Ou para os judeus, Moisés e Maimonides? E Shiva e Parvati, Vinshu e Ganesha, Murugan ou Minakshi e todos aqueles maravilhosos mitos e rituais da Índia? E o príncipe Sidarta, Ananda e os bodisatvas?

É terrivelmente tentador formar uma comunidade fechada e familiar envolta em qualquer dessas figuras veneradas, definindo assim aqueles que são “nosso povo”. Todos os outros não são “nós”. Essa é uma forma de barbárie e um pensamento tribal que devemos rejeitar totalmente.

Além do familiar

Como atingimos o humanismo mais elevado que a maioria dos antropólogos e eu temos em mente? Estou pensando no humanismo que compreende e aceita a necessidade das pessoas pela fé e para acreditar em verdades profundamente veneradas, por rituais públicos e coletivos e rituais privados, por templos e lugares de adoração, por histórias e objetos sagrados, por emoções coletivas compartilhadas. Esses são nossos vibrantes mundos religiosos como conhecemos e vivemos com eles todos os dias. De nossas experiências sabemos como podem ser poderosos em momentos de ações coletivas, mas também devemos ser capazes de usar nossa grandiosa faculdade humana para o diálogo para expressarmos aquelas preocupações humanas que existem em cada um deles. Devemos então ir além deles para o humanismo mais elevado. Isso não quer dizer a negação da religião ou do sistema de crença das pessoas, isso é simplesmente uma reivindicação para maior abertura e compreensão, para razão e para racionalidade em um mundo ameaçado pela discórdia, xenofobia, medo, extremismo e violência organizada.

Recentemente, eventos terríveis em Paris deixaram claros que a intolerância de outras pessoas e o que lhes são de valor têm o potencial de destruir todos nós. A guerra entre as armas dos fracos e as armas dos fortes não acabará bem. Isso já foi mostrado em potenciais assassinos, na violência devastadora que presenciamos na Síria e no Iraque, na Líbia e no Iêmen, na Ucrânia e em outros lugares.



Os números de mortos neste século são um pesadelo que vão além da imaginação. Como podemos parar esta máquina de guerras e assassinatos a não ser pelo esforço coletivo consciente e constante de trabalharmos pela paz?

Mahatma Gandhi com sua clarividente compreensão dessa questão fundamental foi quem disse que os fins não justificam os meios. Em vez disso, é a natureza dos meios empregados que determina o caráter dos fins atingidos. Pode haver melhor convite para o diálogo e a paz que essas palavras daquele grandioso espírito?

A exigência da abolição das armas nucleares, de esforços para proteger o meio ambiente e dos esforços para desenvolver um senso de respeito pela natureza e dos direitos humanos para os indivíduos tornam-se parte de uma mensagem universal que é acessível e aceitável para as pessoas em várias tradições religiosas.

Por exemplo, o termo *Ahimsa*, “compaixão pelos seres vivos”, é um fundamento central do budismo e do jainismo que é compartilhado em espírito pelo islamismo, cristianismo e judaísmo. Isso está, com certeza, perfeitamente alinhado com a nossa preocupação pelos direitos humanos. Afinal, o que são os direitos humanos, exceto a preocupação com o destino destes? É empatia com os seres humanos e seus direitos, que estão sendo pisoteados pelos regimes desagradáveis de vários tipos em todo o mundo.

Esse senso de compaixão pelos seres humanos é um ponto compartilhado por todas as grandes tradições religiosas. Elas estão preocupadas com a questão da sacralidade da vida interior do indivíduo, a preciosidade de cada indivíduo e a precariedade da vida. Essas questões fundamentais são preocupações universais que não podemos e devemos jamais esquecer.

Este texto foi extraído de um discurso realizado na Soka Gakkai em Tóquio, Japão, em 10 de outubro de 2015.



Nur Yalman é professor emérito de estudos de antropologia social e estudos de Oriente Médio na Universidade Harvard. Também é membro sênior da Sociedade Harvard. Suas publicações incluem *A Passage to Peace: Global Solutions from East and West* [A Passagem para a Paz: Soluções Globais do Leste e Oeste], um diálogo com o presidente da SGI (Soka Gakkai Internacional), Daisaku Ikeda.



▲ Dois filósofos debatendo (miniatura de um manuscrito árabe do século 13)

O poder restaurador da filosofia

Entrevista com Lou Marinoff

Podem as filosofias da antiguidade nos ajudar a lidar com o estresse e complexidades da vida no século 21? **Lou Marinoff** é professor de filosofia no City College de Nova York e também presidente fundador da Associação Americana de Profissionais em Filosofia. É autor de diversos livros, incluindo *Plato, Not Prozac* [Mais Platão, Menos Prozac!] e *The Middle Way* [O Caminho do Meio], e coautor de *The Inner Philosopher: Conversations on Philosophy's Transformative Power* [O Filósofo Intrínseco: Falando sobre o Poder Transformador da Filosofia], um diálogo com o presidente da SGI (Soka Gakkai internacional), Daisaku Ikeda.

Os trechos a seguir são de uma entrevista realizada em Cambridge, Massachusetts, entre o Prof. Marinoff e Masao Yokota, conselheiro sênior do Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo.



O que é aconselhamento filosófico e como difere do aconselhamento psicológico?

O crescimento da psicologia no século 20 foi, em parte, o crescimento do aconselhamento psicológico, algo que nunca existiu antes. O primeiro laboratório de psicologia foi aberto na Alemanha nos anos 1870. Mas somente após a Segunda Guerra Mundial os psicólogos começaram a aconselhar as pessoas. Os filósofos, entretanto, vêm travando diálogos desde as épocas antigas. Portanto, isso não é novo para nós.

A principal diferença para nós é que a maioria dos psicólogos tende a focar principalmente nas emoções. Se as pessoas estão chateadas, nervosas, depressivas, querem conversar sobre as emoções delas e se aprofundar nisso. Filósofos são mais interessados na razão. No curto prazo, emoções são muito poderosas. Mas, no longo prazo, a razão é o agente mais poderoso. Esse é um jeito de entender a diferença.

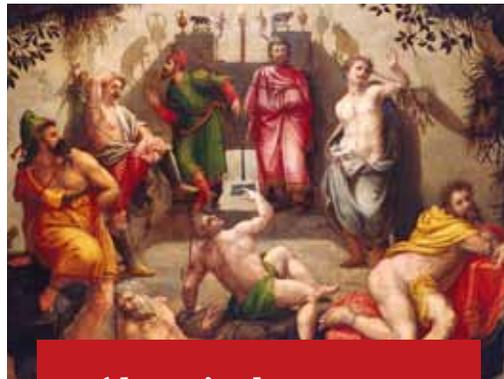
No aconselhamento filosófico contemporâneo, utilizamos métodos antigos de todo o mundo. Temos profissionais em diversos países agora, e eles estão se voltando para tradições básicas de sabedoria; quer seja na Grécia, com os estoicos ou epicuristas, platonistas ou socráticos, todos têm bons métodos para lidar com os problemas. Também na Ásia há tradições maravilhosas — as tradições budista, taoísta, confucionista — para trabalhar filosoficamente com os problemas. Estas são relevantes atualmente. A filosofia é muito poderosa e significativa ainda hoje. Porém as pessoas perderam contato com ela.

Aí você adiciona a isso à medicação, que se tornou um grande negócio na última parte do século 20 e começo deste século. Os psicólogos são parte desse sistema da medicina pelo qual diagnosticam as pessoas, e ao diagnosticar coisas que nem sempre são problemas médicos, passam a drogar as pessoas. A medicação apropriada é importante. No entanto, acho que o poder da mente é a principal coisa que vem sendo negligenciada. Os filósofos praticantes estão deixando as pessoas mais cientes do poder da mente e os recursos o acompanham.

Quais os problemas típicos das pessoas que o consultam?

Há várias coisas. A questão da transição de carreira é algo muito recorrente agora nos Estados Unidos, porque muitas pessoas nos seus 50 anos estão sendo demitidas [de seus empregos]. Chamam isso de *downsizing* (“enxugamento”). Por isso as pessoas precisam se reinventar. No passado, se você possuía um diploma de engenheiro e era contratado por uma empresa, aquele era o trabalho para a vida inteira. Agora as coisas estão mudando mais e continuamente. As pessoas têm de ser mais autoconfiantes e mais empreendedoras.

Outro tipo de problema que vemos é em relação aos relacionamentos. Problemas de relacionamento sempre vão existir.



Alegoria da caverna

Na obra *A República* de Platão, Sócrates descreve pessoas que foram acorrentadas dentro de uma caverna durante a vida inteira e que, observando as sombras projetadas na parede, as confundem com a realidade.



▲ As tecnologias digitais estão mudando a maneira como percebemos e interagimos com o mundo e entre nós?

Como as pessoas deveriam lidar com o problema de mudança de carreira?

Estamos tratando dessas questões na universidade porque dizemos “Como educar as pessoas para o futuro?”. Ninguém sabe por que as mudanças na tecnologia são muito rápidas. Antigamente você poderia dizer “Esta educação vai ser boa para uma geração”. Agora não sabemos. A carreira de humanas é mais estável, mas não há tantas oportunidades. Este é outro problema. A tecnologia está dirigindo o governo. A maioria dos políticos pensa que todos os problemas serão resolvidos pela tecnologia. As ciências humanas também estão sob cerco nas universidades, e isso não é bom. As pessoas perderam contato com as próprias raízes humanas.

Nos Estados Unidos, eliminaram a escrita cursiva. As pessoas costumavam sentar e escrever cartas; agora estão apenas teclando. Se você não usa a linguagem de um jeito profundo, não pensa de um jeito profundo. Isso é parte do perigo. As pessoas estão pensando de maneira muito superficial.

Se olhar isso como um fenômeno social, verá que os jovens estão muito aptos agora a trocar aparência por realidade. Eles pensam que o modo como as coisas aparentam ser são reais. Este é um grande erro. Platão, na obra *A República*, livro VII, apresenta a alegoria da caverna. É a mais famosa alegoria na filosofia ocidental, e o ponto central é a distinção

Na Grécia, há uma palavra melhor para crise — *katharsis*, que significa “purificação” e “restauração”. A crise é também uma transformação.

da aparência e realidade. Nós temos de desenvolver nossa mente para entender a realidade, mas isso dá trabalho. Ao passo que ser enganado pela aparência é um caminho muito perigoso. E vemos que os jovens agora acham que aparência é tudo, então temos algumas preocupações.

O que você considera como primeiro passo prático para restaurar a estrutura da sociedade?

Bem, todas as pessoas podem fazer algo. Não existe o caso de que as pessoas não têm poder. Na verdade, têm mais poder do que imaginam, mas não sabem como exercitá-lo.

Também dá trabalho organizar pessoas. Sozinho você pode fazer uma série de coisas, mas basicamente a mudança social tem de ser provocada por uma ação coletiva. E isso requer que sejam organizações comunitárias. Então, as pessoas precisam aprender duas coisas: cuidar bem delas mesmas e viver de maneira saudável; ajudar elas mesmas

A principal diferença para nós é que a maioria dos psicólogos tende a focar principalmente nas emoções. (...) Filósofos são mais interessados na razão.

e as pessoas em volta delas. O segundo passo deve ser um grande comprometimento com a sociedade de trabalhar em conjunto para gerar uma mudança positiva. Aí você precisa de organizadores para isso.

Nós temos este incrível poder de mudar o nosso mundo. As pessoas precisam entender o próprio potencial para criar o próprio mundo, criando a própria realidade. Existe um ensinamento budista antigo que diz que “O que você pensa, você se torna”. Essa frase é de *Dhammapada*, um texto Theravada. Esta é a ideia de criar em conjunto a realidade de acordo com a nossa forma de pensar. Somos os únicos animais que podem fazer isso. Orientadores filosóficos querem que as pessoas sejam mais poderosas. Esta é a diferença entre nós e a psicologia. Estamos dialogando; não há diagnóstico envolvido. De toda forma, não fomos treinados para diagnosticar. Mas somos treinados para conversar com as pessoas e fazer ponderação geral. O que os filósofos sabem fazer? Na verdade, nada, apenas indagar.

Parece que, quando conquistamos alguma nova tecnologia, também perdemos algo da cultura. Por exemplo, quando somos alfabetizados, perdemos a habilidade de armazenar vasta quantidade de informações na memória. A questão é o que estamos perdendo quando nos movemos em direção a uma civilização mais estável e próspera?

Perspectiva, acho que perdemos perspectiva nas coisas. A tecnologia digital é muito rápida. Talvez isso seja bom. Entretanto, as pessoas também perdem a paciência porque se tornam condicionadas a esperar que tudo vá ser imediato e instantâneo.

Elas também esperam que as conquistas sejam imediatas. Este é o mantra americano — rápido e fácil. “Rápido” significa “imediato”, e “fácil” quer dizer “sem esforço”. Mas você não pode viver a vida assim. A questão central da prosperidade humana é que se trata de um processo. As coisas que valem a pena levam um tempo, às vezes. As coisas que mais valem a pena levam mais tempo.

Vivemos um tempo muito desafiador. O desafio real é não perder nossa humanidade em meio a toda essa tecnologia. Nós temos sempre de trabalhar a questão do valor. O que significa ser humano? E como podemos ter uma vida significativa? Sempre, sempre faça esta pergunta.

Qual seria a maneira saudável de responder a uma crise?

Uma crise pode ser algo muito sério. Mas há outra parte da crise que sempre será a oportunidade para uma mudança positiva. As pessoas precisam focar no perigo mas também na oportunidade.

Na Grécia, há uma palavra melhor para crise — *katharsis*, que significa “purificação” e “restauração”. A crise é também uma transformação, não somente algo ruim. No começo pode ser um choque ou uma mudança, e você não pediu aquilo. Mas se mantiver a visão de que é uma transformação potencial, então pode mudar a direção a partir disso. Você pode não mudar a crise, mas mudar o caminho a partir da crise.

Você tem de olhar e dizer “Tudo bem, isso não é bom, mas deve ter alguma coisa boa nisso. Deve ter alguma coisa positiva”. Encontre a coisa positiva, foque nela e então faça boas causas. Acredito que sempre temos essa possibilidade. Isso não tem nada a ver com a realidade material, é um estado da mente.

Em qualquer situação, a princípio, você tem a capacidade de encontrar algo de bom naquilo e seguir adiante num caminho positivo. Isso faz diferença para você e para aqueles ao seu redor, pois você se torna um exemplo.



▲ Ousmane, refugiado muçulmano de 20 anos da República Centro-Africana, no campo de refugiados de Mole, no norte da República Democrática do Congo, em 20 de junho de 2015, quando vários países celebravam o Dia Mundial do Refugiado. Milhares de refugiados foram para essa área após a brutal violência inter-religiosa ocorrida em 2013 e 2014

Enxergando além do esperado

Daisaku Ikeda

*Um requisito fundamental para a paz, em nosso mundo de diversidades e complexidades, é nossa habilidade de adotar diferentes perspectivas. O diálogo é o que nos possibilita a fazer isso, argumenta **Daisaku Ikeda**, presidente da SGI, em sua Proposta de Paz 2016, Respeito Universal pela Dignidade Humana: O Grande Caminho da Paz.*

Como resultado da globalização — uma das características dominantes do século 21 — inumerável quantidade de pessoas passou a viver fora de seu país de origem. Para curta temporada de trabalho, busca de oportunidades para estudar ou mesmo estabelecer nova residência. Por conta disso, observa-se em muitos países um fluxo incessante de pessoas vindas de contextos culturais diversos, oportunidades únicas de interação e intercâmbio. Entretanto, há uma incidência maior de racismo e da xenofobia.

Na minha *Proposta de Paz* do ano passado, alertei para os perigos do discurso de ódio, uma violação de direitos que não pode ser ignorada, independentemente de a quem se dirija. É fundamental que a comunidade internacional reconheça o

perigo. Para a construção de sociedades que sejam resistentes à xenofobia e à apologia ao ódio, as pessoas precisam ser advertidas que estão expostas a diferentes perspectivas. O diálogo de vida-a-vida pode desempenhar um papel importantíssimo.

O ensinamento budista das quatro descrições do bosque de árvores sal mostra de que forma as diferenças no estado mental ou espiritual fazem as pessoas enxergar uma mesma coisa de maneira completamente diversa. Por exemplo, a visão do mesmo rio. Algumas são tocadas pela beleza das águas cristalinas, outras acham maravilhosa a variedade de peixes que nelas vive. Ou se preocupam com possíveis inundações. O que é significativo é que não são simples diferenças em percepções subjetivas. Elas podem dar força a ações que possam impactar a paisagem..

Uma figueira

Um exemplo é a história de vida da minha querida amiga, a falecida Dra. Wangari Maathai (1940–2011).

Para estudar nos Estados Unidos, ela deixou a aldeia queniana em que nasceu, onde as pessoas tratavam as figueiras com verdadeira reverência: contribuíam para a preservação da ecologia global. Ao retornar dos Estados Unidos, onde completou seus estudos, para o Quênia, uma cena chocante a esperava. A sua figueira querida desde a infância fora derrubada pelo novo proprietário da terra para dar espaço ao cultivo de chá. Não mudou só a paisagem: o comportamento foi repetido em outros lugares, deslizamentos de terra tornaram-se mais frequentes e as fontes de água potável mais escassas.

Este é um triste exemplo de como algo precioso para uma pessoa pode ser apenas um obstáculo para outra. Os problemas decorrentes das diferenças de consciência não se limitam às relações entre os indivíduos, afetam também as relações entre grupos de distintas origens culturais ou étnicas. Há consciências que já não se afetam com o que está acontecendo.

Como seres humanos estamos propensos a compreender aqueles que estão mais próximos de nós, enquanto a distância geográfica e cultural pode gerar afastamento psicológico. A velocidade exacerbada dos processos de globalização, com os modernos meios de comunicação, pode ampliar a tendência para o estereótipo e o ódio. As pessoas começam a evitar a interação com aqueles que são diferentes, incluindo os de sua comunidade, passam a vê-los com preconceito e discriminação. Observa-se na sociedade em geral a redução de nossa capacidade de valorizar o outro como ele é e do jeito que tem de ser. Creio que a melhor maneira de mudar essa situação é escutar cuidadosamente as histórias de vida uns dos outros por meio do diálogo de vida-a-vida.

No ano passado, no Dia Mundial dos Refugiados, o Acnur lançou uma campanha de educação pública, apresentando histórias de vida de pessoas que se tornaram refugiadas e incentivando os telespectadores a repartir tais histórias com seus amigos e conhecidos. Cada uma delas é apresentada pelo personagem real, um atributo reconhecido com facilidade e que nada tem a ver com a nacionalidade — “Jardineiro. Mãe. Amante da natureza”. “Estudante. Irmão. Poeta” — e relata a sua história, o que sente sobre sua condição atual. Deparar-se com a experiência e a história

de vida de uma pessoa, em condições reais e conhecidas, permite que se veja além do rótulo, sem rosto, de “refugiado”.

Quando me encontrei com o Professor Ved Nanda, da Universidade de Denver, nos Estados Unidos, ele me contou a experiência que teve aos 12 anos, forçado a sair de sua casa pela divisão da Índia em 1947 e a caminhar durante dias com sua mãe procurando segurança. Estudou direito internacional, tornou-se um dos principais especialistas em direitos humanos e questões de refugiados. Ele escreveu:

Não há dúvida de que as experiências que tive na primeira infância tiveram uma influência profunda e eterna em minha vida. Vou me lembrar sempre da dor que senti quando fui forçado a deixar a minha terra natal.

O esforço do Acnur para mostrar o valor humano dos refugiados revela que a nossa compreensão de pessoas que pertencem a diferentes religiões ou etnias pode ser modificada pelo contato e o diálogo, mesmo com só um membro desses grupos.

Em setembro de 1974, em meio às acentuadas tensões da Guerra Fria, ignorei críticas e a oposição e visitei a União Soviética pela primeira vez. A convicção que me motivou foi: não precisamos temer a União Soviética tanto quanto precisamos temer a nossa ignorância da União Soviética.

Somente o conflito e a tensão não tornam o diálogo impossível. O que ergue barreiras entre nós é a disposição de permanecer ignorantes em relação aos outros. Por isso o diálogo é decisivo. Tudo começa com ele.

[N.R.: No Brasil, a proposta de paz que Daisaku Ikeda envia anualmente à ONU (Organização das Nações Unidas) conta com a primorosa contribuição do poeta da floresta Thiago de Mello. Desde 1997, ele revisa minuciosamente a tradução dessa obra. Na Proposta de Paz 2016, preocupado em transmiti-la em sua essência aos leitores, fez questão do uso da construção poética, utilizando hífen na expressão “vida a vida” para demonstrar a profunda ligação que uma vida tem com outra.]



Daisaku Ikeda é o presidente da Soka Gakkai Internacional e fundador de várias instituições que promovem a paz, a cultura e a educação. O texto completo, em inglês, desta proposta está disponível no site www.sgi.org/about-us/president-ikedas-proposals/.

Pessoas e perspectivas

Histórias e reflexões sobre a visão budista da vida



Faça-me tocar maravilhosamente

Lições de vida e liderança

James Greening, Austrália

Uma das lições mais valiosas que aprendi foi por intermédio do trompetista de Jazz australiano Keith Stirling. Um dia, antes de uma apresentação, perguntei-lhe o que eu deveria fazer. Ele respondeu: “Somente me faça tocar maravilhosamente”. Em minha experiência, essa determinação de apoiar as pessoas é a chave para a liderança. Isso é simples e continuo aplicando essa lição até hoje na música e em todas as áreas da minha vida.

Como músico profissional, tive muita boa sorte de ser freelancer em vários grupos nos últimos 35 anos. Por meio desse valioso treinamento, iniciei meu próprio quarteto, e três anos atrás criei um novo grupo de sete integrantes que toca tanto as minhas composições originais quanto as composições de outros membros da banda.

O que é significativo é que demonstro as mesmas características como músico freelancer ou liderando esses grupos. Isso quer dizer que minha função como músico freelancer é apoiar o líder da banda em conduzir a música na direção que eles desejam e ouvir atentamente os outros músicos, de modo que eu possa apoiar todos a tocar maravilhosamente. Quando lidero a banda, apoio os outros músicos com a mesma intenção. Nos dois casos, é necessária uma direção clara, uma transparência sobre a nossa contribuição para a sociedade e um desejo comum de sermos bem-sucedidos individual e coletivamente. Como líder, talvez seja mais óbvio que eu precise ser claro e assumir a responsabilidade de direcionar a banda. Também preciso lembrar as pessoas da importância delas, expressar confiantemente que acredito nelas, mesmo que eu seja criticado algumas vezes. Isso foi o que aprendi sobre liderança nas reuniões de palestra e nas atividades da SGI-Austrália.

É o nosso foco em relação à pessoa que está na nossa frente que nos liberta e nos ajuda a apreciar nossos desafios e sofrimentos.

Um sorriso confiante é uma das formas mais poderosas que tenho para incentivar o líder e os músicos da banda. Como líder, ou como um músico freelancer, acredito que tenho a responsabilidade de fazer qualquer coisa para o show dar certo — seja negociando com os técnicos de som, gravando partes da música para as pessoas não se perderem ou incentivando alguém que tenha perdido a confiança.

Um maravilhoso e rigoroso conceito que você aprende como músico é que o público não se importa como você está se sentindo. Eles só querem que você toque maravilhosamente. Mesmo se estiver exausto, frustrado, sofrendo por uma grande perda ou não acreditando que está tocando bem o suficiente, o público só quer se inspirar, se revitalizar e vivenciar algo extraordinário.

Grandes músicos como Herbie Hancock, Wayne Shorter, Buster Williams e Bennie Maupin sabem de sua responsabilidade em inspirar e transportar as pessoas com a clareza de seu diálogo musical. Esse senso de propósito comum e essa convicção em inspirar as pessoas através da música e da própria vida são

extremamente libertadores para os músicos superarem suas dúvidas e sofrimentos. Entendo que esta é a causa para todos nós; é o nosso foco em relação à pessoa que está na nossa frente que nos liberta e nos ajuda a apreciar nossos desafios e sofrimentos.

As atividades da SGI-Austrália são o palco de atuação onde todos nós temos a oportunidade de pôr nossas habilidades de liderança em prática ao incentivar os membros do bloco. Ter a capacidade de ouvir cada um falar e acreditar com total confiança no desejo comum do grupo de criar valor por meio do diálogo é o grande treinamento das reuniões de palestra. É um treinamento similar a uma performance musical, na qual também há momentos em que não queremos abrir a porta devido à nossa negatividade, aos sofrimentos ou aos desafios, mas abrimos sim a porta, e ali estarão pessoas que se esforçaram para vir, ser revitalizadas e inspiradas. Esta citação do presidente da SGI, Daisaku Ikeda, deixa claro que todos nós temos a missão de sermos líderes artísticos na vida:

Para lutar ainda mais e fazer melhor — o processo criativo é o desafio desesperado para ir além do que éramos ontem. É uma batalha contra a tendência de descansar sobre nossos louros, contra o medo de perder o que temos. Esta é uma aventura em um território desconhecido.



James Greening toca trombone desde os 7 anos. Mudou-se para Sydney no início da década de 1980, tornou-se músico profissional tocando em bandas de jazz, música latina e em bandas de shows de TV. Ele se apresentou em clubes locais e internacionais, festivais de jazz com seu quarteto, *The World According to James* [O Mundo de Acordo com James] e septeto, *Greening from Ear to Ear* [Sorrindo de Orelha a Orelha (N.T.: *Greening* significa “ecologização”, mas soa como *grinning*, que pode ser traduzido como “sorrindo”)]. James Greening também contribui para um programa de educação musical. E é membro da SGI-Austrália e pratica o budismo desde 1983.

Em foco

Notícias e acontecimentos no mundo

Fortalecendo a voz da mulher na ONU

Ivy Gabbert, coordenadora do programa, no Escritório da SGI para Assuntos da ONU

As Nações Unidas abarcam ampla agenda que engloba a vida de todos. Como organização não governamental (ONG) filiada à ONU (Organização das Nações Unidas), a SGI (Soka Gakkai Internacional) atua em vários setores dessa agenda que correspondem à visão budista da vida. A igualdade de gênero faz parte da filosofia da SGI, que defende a dignidade da vida e a igualdade de todos os seres humanos.

Como tal, é interessante notar que a SGI foi fundada durante um período de profundo significado para todas as mulheres. O ano de 1975 foi Ano Internacional das Mulheres e assistiu à primeira Conferência Mundial das Nações Unidas para Mulheres realizada na Cidade do México, com a participação de 133 governos. Esses eventos chamaram atenção para a discriminação que as mulheres vieram enfrentando em todo o mundo.

Uma organização não governamental de mulheres pelos direitos das mulheres

A Comissão das Nações Unidas sobre o Status das Mulheres (CSW) é um organismo intergovernamental criado em 1946 com o propósito de garantir a igualdade de gênero e a promoção dos direitos das mulheres. Entre todas as sessões intergovernamentais realizadas na sede da ONU, a CSW contempla de longe o maior número de participantes de ONGs. Durante as duas semanas da CSW, os corredores das Nações Unidas, que geralmente estão repletos de delegações com representantes usando ternos cinza ou preto, são preenchidos por vozes animadas e o colorido dos vestidos de mulheres comuns de todos os cantos do mundo.



▲ Discussão em mesa-redonda no evento do Fórum ONG CSW



▲ Participantes no CSW59, painel de alto nível das mulheres em lideranças políticas

Enquanto as sessões intergovernamentais são realizadas, o Fórum das ONGs da CSW também acontece em um espaço fora dos prédios das Nações Unidas. Esse fórum é organizado pelo Comitê de ONG sobre o Status das Mulheres (ONG CSW) em Nova York. Isso promove espaço para que milhares de ONGs possam realizar eventos paralelos para compartilhar experiências e melhores práticas de sua localidade e oferece aos participantes imensuráveis oportunidades de relacionamento e conexão uns com os outros. A missão da ONG CSW de Nova York é apoiar o trabalho da CSW e das Nações Unidas, além de defender o direito das mulheres e garantir o avanço de mulheres e meninas de todo o mundo; a parceria é composta por aproximadamente cem organizações.

O comprometimento da SGI com a missão da comissão se manifesta na presença consistente e participação ativa no comitê de planejamento, que se reúne regularmente por um período de seis meses que antecedem o fórum. A SGI realizou eventos em paralelo durante a CSW nos últimos cinco anos. Nossa expectativa é contribuir com as discussões da comissão por meio desses eventos que têm como foco a educação, o empoderamento, o diálogo e a liderança feminina. Outras atividades que temos promovido com o intuito de dar suporte à CSW na aproximação das pessoas incluem sessões de networking, rodas de conversa e Dia de Consulta à ONG CSW.

Mulheres e empoderamento

Desde o final dos anos 1990, a SGI é membro da ONG CSW/NY, e eu trabalho atualmente no comitê executivo. Com minhas experiências nas comissões, tenho visto o forte impacto que a solidariedade entre as mulheres pode causar no mundo. Frequentemente fico comovida com a paixão, o genuíno cuidado e o apoio entre as mulheres e a capacidade delas de se solidarizarem com o sofrimento humano. No abraço encorajador dessas mulheres, estou aprendendo a perseverar, a encontrar minha própria voz e a colaborar efetivamente.

Cresci em meio aos exemplos das mulheres da SGI — mulheres que criam mudanças positivas no exato local onde estão, independentemente da capacidade ou da posição que possuem, no lar, nas suas comunidades e na sociedade. Esse é o espírito que aspiramos trazer para as Nações Unidas. É o espírito da coragem, da compaixão e da sabedoria. Na realidade, as Nações Unidas se esforçam para manter sua elevada missão e precisa do apoio do povo — ou seja, da sociedade civil ou de todos nós — para ter sucesso garantido.

O engajamento da SGI em comitês como o da ONG CSW está relacionado a colaborar com outras ONGs, que possuem o mesmo objetivo, para ser a voz do povo na ONU. A força



particular da SGI reside na capacidade de trazer perspectiva e abordagem holísticas. Nós nos esforçamos para ser uma ponte que conecta pessoas de diferentes setores e áreas temáticas. Entre minhas responsabilidades na ONG CSW/NY, atuo como presidente do Subcomitê de Jovens Profissionais. O grupo lançou recentemente a primeira série de diálogos entre jovens profissionais que trabalham no governo, nas Nações Unidas, em ONGs, na sociedade civil, no meio acadêmico e no setor privado. Em um ambiente aberto e convidativo, o objetivo é criar um espaço para capacitar e fomentar habilidades de liderança em jovens mulheres, em especial. O tema discutido foi sobre mulheres, paz e segurança e agregou representantes do Gabinete do Presidente da Assembleia Geral e Mulheres da ONU.

Rumo a um mundo pacífico, em igualdade de gêneros

Outubro de 2015 marcou o 15º aniversário da Resolução nº 1.325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, um tratado que marca o reconhecimento do papel das mulheres na resolução de conflitos e no processo de paz e uma convocação para a participação delas em todos os níveis de tomada de decisões. Em escala mais ampla, o ex-sub-secretário-geral da ONU, embaixador Anwarul K. Chowdhury, que foi fundamental na Resolução nº 1.325, expressou sua crença nos eventos comemorativos recentes de que essa resolução não se limita apenas aos países em conflitos armados ativos, mas se aplica a qualquer nação que esteja em conflito interno. Isso significa qualquer país onde exista qualquer tipo de violência. Ele enfatizou como a liderança das

mulheres é importante não só nesses processos, mas em todas as esferas da sociedade. Acredito que o espírito da Resolução nº 1.325 está vivo nos esforços cotidianos das mulheres da SGI em contribuir pelo bem-estar de suas comunidades locais.

Eleanor Roosevelt, uma das redatoras da Declaração dos Direitos Humanos e a força motriz por trás de sua adoção, é minha fonte de encorajamento em meu trabalho de dar suporte à missão das Nações Unidas. Ela disse: “Certamente, à luz da história, é mais inteligente ter esperança em vez de medo, tentar do que não tentar. Algo sobre o qual não temos a menor sombra de dúvida: nada pode ser alcançado por uma pessoa que diz: ‘Isso não pode ser feito’”.

As pessoas têm o potencial para mudar e desafiar o *status quo*. A mudança começa com a nossa decisão de fazê-la. Quando todos nós acreditarmos que isso é possível, garantiremos que o século 21 será o século das mulheres. Meu desejo é uma vida com dignidade para todos em um mundo de paz e igualdade de gênero.



Iuy Gabbert é coordenadora de programa no Escritório da SGI para Assuntos da ONU em Nova York. Ela atua no comitê executivo do Comitê sobre o Status das Mulheres em Nova York e é presidente da Subcomissão de Jovens Profissionais.

Em foco

Notícias e acontecimentos no mundo

Jovens Brotos da Paz

Fazendo da dignidade uma questão pessoal na Tailândia

Chanikarn Mint Wongviriyawong, fundadora de Young Plants of Peace (Jovens Plantas da Paz)

Chanikarn Mint Wongviriyawong descreve como ao refletir sobre a importância da compaixão na cultura tailandesa levou à criação de um movimento jovem de promoção da cultura de paz.



Young Plants of Peace (YPP — Jovens Brotos da Paz) é um grupo de jovens na Tailândia que trabalha para criar uma cultura de paz com base no respeito à dignidade da vida. Desenvolveu-se organicamente em 2013 a partir de uma colaboração entre grupos de estudantes da Soka Gakkai da Tailândia e um grupo de estudantes de inglês em Bangcoc e atualmente é constituído por aproximadamente setenta membros. O ponto fundamental das atividades do YPP está em nossos esforços para pôr o espírito humanístico do budismo — de valorizar cada indivíduo e cultivar em cada um a capacidade de efetuar mudanças positivas — em nossas comunidades locais.

Uma das inspirações para o estabelecimento do grupo foi uma passagem do romance *Nova Revolução Humana* do presidente Daisaku Ikeda em que ele reflete sobre sua primeira visita à Tailândia em 1961: “A Tailândia está destinada a ser um importante centro de onde a luz da felicidade brilhará sobre toda a Ásia, um farol que iluminará o caminho para seus muitos povos”.

Quando retornei em 2012 à Tailândia, meu país de nascimento, após doze anos de estudos nos Estados Unidos, enfrentei um choque cultural ao reverso e lutei para encontrar meu propósito de vida. Foi durante esse período que me deparei com a passagem acima. Isso me ajudou a perceber que a cultura tailandesa é inerentemente cheia de compaixão, generosidade e respeito à vida. Por exemplo, o gesto de colocar as mãos juntas e se curvar sempre que nos encontramos representa respeito um pelo outro. Levei três anos para descobrir que a Tailândia tem um grande potencial para se tornar um modelo de sociedade pacífica. É apenas uma questão de trazer esse potencial para a vanguarda e mostrar como vivemos. Isso se tornou o objetivo das ações do YPP e o propósito que eu procurava.

Um movimento para incentivar

Em um dos nossos projetos, estudamos maneiras para nos engajar efetivamente em diálogos e como o papel de “ouvir” é desempenhado em todo o processo. Então, nós nos dirigimos a uma clínica de repouso na província de Chonburi para praticar como ouvir histórias de nossos idosos. Por essa simples ação, aprendemos muito e percebi como a nossa disponibilidade de ouvir, por sua vez, incentivou aqueles que fomos visitar.



▲ Ouvindo idosos em Chonburi

Focados no poder de incentivar cada pessoa, o YPP começou uma campanha de dois meses chamada “Reação em Cadeia da Esperança”, para incentivar 20 mil jovens — nossos amigos e conhecidos — com o envio de cartões-postais criados por nossa equipe. Uma das participantes com início precoce de Parkinson desafiou escrever cinquenta cartões-postais por dia. Mesmo após a campanha, ela continua escrevendo cartões-postais para incentivar outras pessoas e o tremor de suas mãos se tornou quase imperceptível.

O YPP se reúne mensalmente para ler trechos selecionados de livros dos principais filósofos, ativistas pacifistas e líderes mundiais e discutir vários temas que vão desde a cidadania global e o desarmamento nuclear até a dignidade da vida, a amizade e a família.

Em 15 de agosto de 2015, realizamos um festival de paz para comemorar o 70º aniversário do terrível bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki. Convidamos também representantes da SGI-Camboja e Laos a se juntarem a nós para troca de ideias sobre construção da paz no respectivo país e região. O festival incluiu apresentações culturais, um filme sobre os efeitos devastadores das armas nucleares, a assinatura de uma petição para o desarmamento nuclear e um segmento no qual jovens representantes da Soka Gakkai da Tailândia compartilharam suas determinações de trabalhar pela paz.

A existência de armas nucleares está enraizada na silenciosa e passiva forma de violência que existe no coração dos indivíduos como preconceito, desrespeito e falta de preocupação com o sofrimento de outras pessoas. Na preparação do festival, cerca de 300 membros de apoio e

artistas estavam focados em tentar discernir e “abolir” essas tendências em sua própria vida. Por meio desse esforço, o objetivo, muitas vezes distante da abolição das armas nucleares, tornou-se uma questão pessoal. Cada um de nós foi capaz de refletir e experimentar como estabelecer a cultura de paz que deve começar com a transformação em nossa própria vida e em nosso ambiente imediato.

Enquanto a paz pode parecer um objetivo distante, nós do YPP estamos comprometidos a avançar no caminho da transformação pessoal como meio sustentável de fazer do respeito pela dignidade da vida o espírito desta época.



Chanikarn Mint Wonguiriyawong

é líder da Divisão Feminina de Jovens (DFJ) na Soka Gakkai da Tailândia e professora no Instituto de Robótica da Universidade de King Mongkut no Campo de Tecnologia de Thonburi. Começou a explorar temas relacionados a construção da paz e abolição das armas nucleares como parte das atividades da SGI-Estados Unidos por volta de 2010 como estudante de pós-graduação no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Chanikarn Mint realiza pesquisas que vão desde a construção de brinquedos robóticos que facilitam o aprendizado até objetivamente quantificar resultados de aprendizagem, paixão e felicidade.

Budismo na Vida Diária

A prática dos conceitos budistas na vida moderna

O Gohonzon

O Budismo Nichiren é revolucionário, uma vez que ensina que todas as pessoas são capazes de atingir o estado de buda nesta existência, em sua condição atual. Entretanto, pode ser difícil de acreditar nisso e respeitar a infinita potencialidade de nossa vida e muito menos manifestar, constantemente, a sublime condição do estado de buda inerente a todos nós.

O Gohonzon é um pergaminho que contém ideogramas chineses e sânscritos que auxiliam os praticantes do Budismo de Nichiren Daishonin no processo de percepção e manifestação da condição de vida do estado de buda do âmago da vida de cada pessoa.

É a representação física da Lei fundamental que permeia todos os fenômenos, a realidade sublime para qual Shakyamuni se iluminou. A revelação dessa Lei, feita por Shakyamuni, está contida no Sutra do Lótus, cujo título dessa Lei em japonês é interpretado como *Myoho-renge-kyo*. O buda Nichiren Daishonin, no século 13, definiu a Lei Mística, descrita no Sutra do Lótus como *Nam-myoho-renge-kyo* e a representou graficamente como Gohonzon, estabelecendo um caminho pelo qual todas as pessoas podem se conectar a essa Lei.

O Gohonzon representa o modelo perfeito do ilimitado potencial inato em nossa vida. Ele espelha as qualidades inerentes do nosso estado de buda, como sabedoria, coragem, compaixão e energia vital. Não é a representação de algo que nos falta ou que devemos adquirir de uma fonte externa.

A tradução literal da palavra japonesa *Gohonzon* é “objeto de devoção”. Os praticantes do Budismo Nichiren possuem oratório em sua residência onde consagram o Gohonzon. Diariamente, realizam uma prática que consiste em recitar *Nam-myoho-renge-kyo*, além de trechos do Sutra do Lótus, diante do Gohonzon; nesse ato reafirmam e reverenciam a dignidade de sua própria existência, assim como a dignidade de toda forma de vida. Por reverenciar a natureza de buda inerente e representada no Gohonzon, os praticantes se tornam capazes de manifestar as qualidades do estado de buda.



O *Nam-myoho-renge-kyo* está escrito em negrito no centro do Gohonzon. *Nam*, que quer dizer “devoção”, representa a intenção em convocar ou harmonizar-se com. Expressa um juramento de acreditar em nosso estado de buda e agir de acordo com esse juramento.

Ao lado da inscrição do *Nam-myoho-renge-kyo* estão ideogramas que representam diversas tendências e energias positivas e negativas da vida. Essas energias são intrínsecas à vida, mas quando harmonizadas e equilibradas pela Lei do *Nam-myoho-renge-kyo*, todas revelam o aspecto da iluminação e a condição para criar valor e felicidade.

Além disso, Nichiren Daishonin inscreveu seu nome embaixo do *Nam-myoho-renge-kyo* no Gohonzon, expressando que o estado de buda não é um conceito abstrato, e sim uma manifestação na vida e no comportamento dos seres humanos. Daishonin usou um pergaminho em vez de uma



pintura ou escultura, o que reflete seu comprometimento com o princípio de que esse “espelho” da natureza de buda inerente é universal, livre de qualquer conotação de etnia ou gênero, como observado em representações de personagens específicas.

Os ideogramas contidos no Gohonzon estão dispostos de forma a retratar uma passagem do Sutra do Lótus conhecida como “Cerimônia no Ar”, na qual Shakyamuni revela a essência do Sutra do Lótus e confia a seus discípulos, os bodisatvas da terra, a missão de defender e propagar esse ensinamento e conduzir os outros à felicidade. Preocupação e esforços pela felicidade das pessoas são, portanto, intrínsecas às manifestações do estado de buda das pessoas.

O Gohonzon é o modelo perfeito do ilimitado potencial inato que possuímos em nossa vida.

O Gohonzon também expressa o conceito da “possessão mútua dos dez mundos (dez estados de vida)”, que revela que o estado de buda existe como uma potencialidade em qualquer momento da vida e não se encontra distante ou fora do cotidiano da pessoa.

Nesse sentido, o Gohonzon simboliza um estado de vida no qual o inesgotável poder da Lei Mística está em pleno resplandecer, assim como um mundo ideal em que todas as pessoas manifestam o máximo potencial de suas capacidades e qualidades.

A chave, conforme Nichiren Daishonin enfatiza constantemente, é acreditar que somos seres “perfeitamente dotados” — que somos capazes de evidenciar o estado de buda em nossa presente forma, em qualquer lugar ou tempo. Como Daishonin orienta, “Nunca procure esse Gohonzon fora de si mesmo”.

Herdando o legado de Shakyamuni e Daishonin de construir um mundo de paz e felicidade para toda a humanidade, a prática dos membros da SGI (Soka Gakkai Internacional) consiste em se dedicar a manifestar o estado de buda em meio às alegrias e às tristezas da vida diária e ajudar todas as pessoas a conquistar a mesma condição.

Por um mundo mais digno para todos

O ideal de transformar o mundo por meio de seus próprios esforços é o que motiva muitos jovens da Soka Gakkai a buscar o caminho das relações internacionais

Um sorriso que parece ser sua característica mais marcante aflora fácil, sem nem ser convocado, a cada início de frase. Embora pequena (não chega a ter 1,60 m de altura), Indyamara Massaro Machado, no alto de seus parcos 25 anos, já é uma experiente diplomata nas artes das relações humanas. “Aprendi na Soka Gakkai!”, apressa-se em explicar.

Conforme relata suas agruras e experiências, perpassa por momentos de grandes adversidades sem, contudo, se lamentar. Indyamara encara as dificuldades ou percalços como desafios que lhe possibilitarão um crescimento. Portanto, sente-se grata a cada um desses momentos.

Nascida em um lar onde os ideais da Soka Gakkai imperavam, cresceu compreendendo que devia buscar sempre mais e se tornar um ser humano digno dos ideais que abraçava.

“Sou imensamente grata aos meus pais que me ensinaram a ter um propósito, não apenas sobreviver, mas viver intensamente cada instante de vida com vigor e paixão!”, exclama.

Por tudo isso, decidiu cursar relações internacionais. “Foi nos 47 segundos do segundo tempo”, explicou. Desde criança ouvia sobre os ideais humanísticos e sobre a teoria de valor. Fora incentivada a buscar uma profissão que lhe trouxesse benefício, não só o monetário, mas principalmente satisfação, a insuperável sensação de ser útil. Como era membro da banda feminina Nova Era, pensou em fazer música, inicialmente. Cogitou ainda sociologia e filosofia.

Em busca de respostas para o seu dilema, teve contato com a *Proposta de Paz* [de Daisaku Ikeda], aos 17 anos, e isso mudou tudo. Pois, junto, conheceu o curso de relações internacionais e percebeu que era isso o que queria.



▲ Indyamara com as crianças na África do Sul

Durante a faculdade, dentro da BSGI atuava como secretária do Núcleo Estudantil – Ensino Médio e já tinha feito parte do grupo feminino Cerejeira, que organiza e cuida de toda a logística dos eventos da organização. Esse cabedal de conhecimento prático lhe foi de grande valia, pois pôde somar ao aprendizado teórico obtido no curso. Sem querer ou buscar por isso, no último ano Indyamara teve a oportunidade de atuar como mediadora entre alunos e instituição, recebendo um grande benefício inesperado.

Desde o primeiro ano, Indyamara representou a classe junto à direção e ao corpo docente. No último ano do curso, em meio a uma grande insatisfação por parte dos colegas, insurgiram tumultos e discussões. As divergências foram se agravando a ponto de ameaçar a formatura dos alunos. Com sua doçura natural, calma, paciência e sabedoria adquirida ao longo dos anos atuando nos grupos de bastidores da BSGI, ela conseguiu mediar o conflito e sanar as divergências. A instituição, por sua vez, grata pela dedicação da jovem, concedeu-lhe 100% de bolsa naquele ano; “Inclusive o que eu já havia pago me foi restituído!”, comemorou.



▲ Cidadã do mundo

◀ Relação de mestre e discípulo :
descoberta de sentimentos comuns

Com essa verba inesperada, Indyamara foi surpreendida com a imensa benevolência dos seus pais que lhe deram o valor desse benefício para fazer o que desejasse. “Decidi ir para África do Sul aperfeiçoar o inglês”, contou.

Por trás dessa simples decisão se percebe quão grandioso é o ideal dessa moça. Enquanto a imensa maioria dos estudantes optaria pelos Estados Unidos para aprimorar o idioma, ela escolheu um país africano. “Eu tinha em mente um discurso do presidente Ikeda em que ele dizia que o século 21 seria o século da África e aí quis conhecer a realidade deste continente mais de perto”, explicou.

E, entre tantos países deste grande continente, escolheu a África do Sul porque foi o primeiro país a abolir as armas nucleares. Por ter o Dr. Ikeda como seu mestre, acatou para si o ideal de Josei Toda — segundo presidente da Soka Gakkai e mentor de Daisaku Ikeda — de abolir as armas nucleares do mundo.

“Se não me engano foi na mensagem dele para o ano-novo de 2010 que ele salientou que o único sonho do mestre Josei Toda não concretizado foi a abolição de armas nucleares. Por isso fui para lá, tirei a certificação do idioma inglês, e fiz pesquisas para poder juntar ao material sobre a abolição das armas nucleares para o meu mestrado”, enfatizou Indyamara.

Não contente em estudar inglês, a jovem idealista visitou as regiões mais pobres. O que lhe chamou bastante a atenção foram as crianças. “Porque aqui no Brasil a gente encontra muitas crianças na rua, assim como lá. O que as diferencia das daqui é que todas elas me paravam para obter conhecimento!”, exclama. Espantou-se porque aqui as crianças pedem dinheiro, comida, e lá elas pediam conhecimento: desejavam saber de onde ela era, o que

fazia, por que escolhera a África do Sul. E quando ela iniciava a conversa, percebia que todas tinham uma coisa que ela também tinha: a profunda relação de mestre e discípulo. Todas as crianças africanas com quem conversou possuem um grande sentimento de esperança devido à figura de Nelson Mandela: uma pessoa que saiu do mesmo meio que elas e se tornou o homem mais importante do país, quicá do continente. “Eles têm isso muito forte no coração, sentem que vão conseguir e que podem contribuir de alguma forma!”, exulta. Esse fato reforçou enormemente sua convicção na relação de mestre e discípulo cultivada pela Soka Gakkai desde a sua fundação e que é também a base da filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin.

Outro fato que lhe chamou a atenção foi o *apartheid*. O sofrimento causado pela segregação étnica é ainda latente e visível. Mas, ao conversar com uma mulher mais idosa, soube que há uma grande expectativa quanto às relações entre as novas gerações. Segundo ela, a maioria dos jovens que hoje têm entre 15 e 20 anos já não leva a marca do preconceito e se confraterniza com liberdade e grande satisfação. Indyamara percebeu isso nas escolas. Os jovens convivem bem juntos, sem se importarem se são brancos ou negros.

Sobre essa experiência, Indyamara enfatiza que estar lá já foi para ela um grande quebra de paradigma. Percebeu que tinha uma impressão errada do continente. “As pessoas olham para a África como se ela fosse uma coitada e, quando eu fui lá, vi que não é assim, existe muita falta de informação sobre o que acontece lá; muitos dos problemas são problemas que outros países criaram. Eu já sabia que o continente africano não era como eu estudava, e quando estive lá tive a certeza, e isso é algo que quero levar para minha dissertação de mestrado”, afirmou.

Foi a partir dessa experiência que sua noção de aplicabilidade das relações internacionais se expandiu. Antes ela imaginava que a diplomacia só se realizava entre as organizações, entre os governos ou entre os estadistas e seus diplomatas. Porém, embora já tivesse a experiência dentro da BSGI, foi só depois de sua estada na África do Sul que percebeu a eficácia da sutileza das relações de vida a vida. “Eu me imaginava como uma funcionária do governo conversando com outro funcionário de governo, resolvendo toda uma questão importante. Mas quando estive na África percebi que a coisa é bem mais simples e muito mais humana, que é o que a gente aprende da Soka Gakkai”, enfatiza. Embora as relações entre países sejam fundamentais, as relações humanas que travou na África do Sul lhe serviram para compreender com profundidade quanto as ações da Soka Gakkai são de imensa relevância para o estabelecimento de uma paz realmente sólida e duradoura.

Em 2015, passou por um processo seletivo para atuar no novo escritório paulista da Anistia Internacional, órgão internacional que lida com a preservação dos direitos humanos. Era um momento inédito desse organismo. Um escritório em São Paulo seria um grande avanço nos esforços de expansão. Indyamara fez parte dessa primeira equipe paulista. “Começamos os trabalhos e foi muito difícil, tanto pela sociedade que tem esse pensamento equivocado de que direitos humanos só servem para ‘defender bandido’ quanto por parte do governo também”, contou. Aquele era um momento delicado e a equipe da Anistia Internacional, ao tentar promover uma ação ou campanha, era alvo de represálias por parte do governo como se o organismo estivesse em eterna oposição, buscando denegrir a imagem do país no exterior. “Isso dificultou muito o nosso trabalho”, lamentou-se.

No mesmo período, para agravar ainda mais a situação, houve um personagem de novela, corrupto e mau-caráter que se dizia um defensor dos direitos humanos. Embora buscassem realizar um trabalho isento e de suma importância, diante da pressão generalizada, tiveram de fechar o escritório paulista, ficando somente com a sede carioca.

A jovem idealista conta que, ao longo do tempo em que trabalhou na Anistia Internacional, se angustiava todos os dias devido ao conteúdo das denúncias que recebia. A cada dia chegavam graves informes de violações dos direitos humanos. “Diariamente eu me encontrava com alguém que havia tido seus direitos violados, física ou moralmente; ou que sabia de alguém que tinha sido alvo de violação”. Desde as denúncias de mulheres que eram trancafiadas no mundo

“A ideia é fazer os jovens perceberem que eles também podem ser pessoas que mudam o mundo”

das drogas, usadas como escravas sexuais e sofrendo torturas constantes até as pessoas que foram mortas por policiais ou familiares de policiais que foram mortos. Toda a equipe recebeu inúmeras violações dos direitos humanos nesse pouco tempo de funcionamento do escritório. Indyamara ressalta, porém, que a despeito da angústia seu aprendizado lhe rendeu uma ideia de como transformar aquela angústia em ação: juntou-se às campanhas de refugiados e criou o projeto IM – Integra Mundo. “Nesse projeto junto tudo o que eu já tinha aprendido, desde a Soka Gakkai, do que estudei no curso de relações internacionais, das experiências que tive na África e do trabalho na Anistia Internacional”, ressalta. A ideia do projeto é ir ao encontro de jovens, ouvir suas angústias e anseios em relação ao mundo, e juntos criarmos formas de se empoderarem.

A primeira experiência com o projeto foi em uma escola profissionalizante de Guarulhos, na Grande São Paulo. Seu objetivo era falar sobre refugiados. Muito ansiosa e nervosa, perguntou ao grupo se alguém já tinha ouvido falar do assunto. Apenas um levantou a mão e disse saber o que estava se passando na Síria. “Aí eu comecei a falar e, apesar de estar muito nervosa, acabou sendo sensacional, pois todos eles manifestaram o desejo de poder criar alguma ação. Hoje essa escola está promovendo a doação de livros, e com esse acervo vamos montar uma biblioteca em uma organização que recebe os refugiados. A ideia é fazer os jovens perceberem que eles também podem ser pessoas que mudam o mundo, que isso não é exclusividade minha, que eles também fazem parte do processo!”, exclamou.

Com a coragem que só um jovem idealista possui, Indyamara percorreu escolas oferecendo palestras e oficinas com o objetivo de promover entre os estudantes o autoempoderamento. Em meio a tudo isso, ainda lhe sobrou tempo para se aplicar em outro processo seletivo, desta vez para mestrado. Depois de tentar pós-graduação no Itamaraty por três vezes, ela pensou que talvez seu caminho não estivesse na formação de diplomatas brasileiros. No início de 2016, pesquisou e encontrou a Universidade para a Paz, das Nações Unidas, na Costa Rica. Inscreveu-se, enviou todas as solicitações e, em maio, soube que fora aceita para este



▲ Tendo o oceano como testemunha, Indyamara inicia uma nova trajetória rumo à plenitude existencial

ano letivo que se iniciou em agosto. Vai cursar mestrado em resolução de conflito internacional, paz e desenvolvimento.

“Quando comecei a entrar mais nessa parte de refugiados, tive a oportunidade de estar com a ONU, que tem um escritório aqui em São Paulo bem pequenininho. Pude aprender, muito embora por pouco tempo, três meses só”, explicou. Na época, o escritório da ONU em São Paulo estava promovendo uma Copa de Refugiados e ela pôde ajudar na movimentação e logística. Responsabilizou-se por dois times: Congo e Haiti. Foi quando ocorreu um fato marcante: os dois times já estavam no ônibus esperando para irem ao local do evento e um transeunte, vendo a movimentação, foi perguntar a Indyamara o que estava acontecendo. Com o seu costumeiro sorriso, explicou ao homem sobre a copa e grupo de atletas que estava no ônibus. Nesse momento o rapaz se enfureceu e lhe disse que a mataria caso a encontrasse novamente, porque ela estava ajudando “esses caras”. Mais que o susto, foi a indignação que raptou seu sorriso instantaneamente. Diante do olhar ameaçador do rapaz, alguns atletas desceram do ônibus sem nada entender, pois os jogadores de cada time só compreendiam ou inglês ou francês, mas estavam dispostos a defender a jovem que os auxiliava com tanta dedicação. Recobrando-se do susto, Indyamara percebeu que aquele era o momento de usar toda a sua experiência em diplomacia para evitar uma situação de violência desnecessária. Alternando o inglês e o francês, tranquilizou os jogadores, assegurando-lhes que se tratava de um mal-entendido.

“Aquilo foi um choque de realidade, porque a gente vê essas situações de refugiados, de guerras e parece que é algo que está muito distante da gente. Naquele momento percebi

A Anistia Internacional

A Anistia Internacional é um movimento global com mais de 7 milhões de apoiadores que realiza ações e campanhas para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos. Está presente em mais de 150 países. Todos os dias, alguém, em algum lugar do mundo, recebe apoio da Anistia Internacional.

O compromisso da Anistia Internacional é com a justiça, a igualdade e a liberdade.

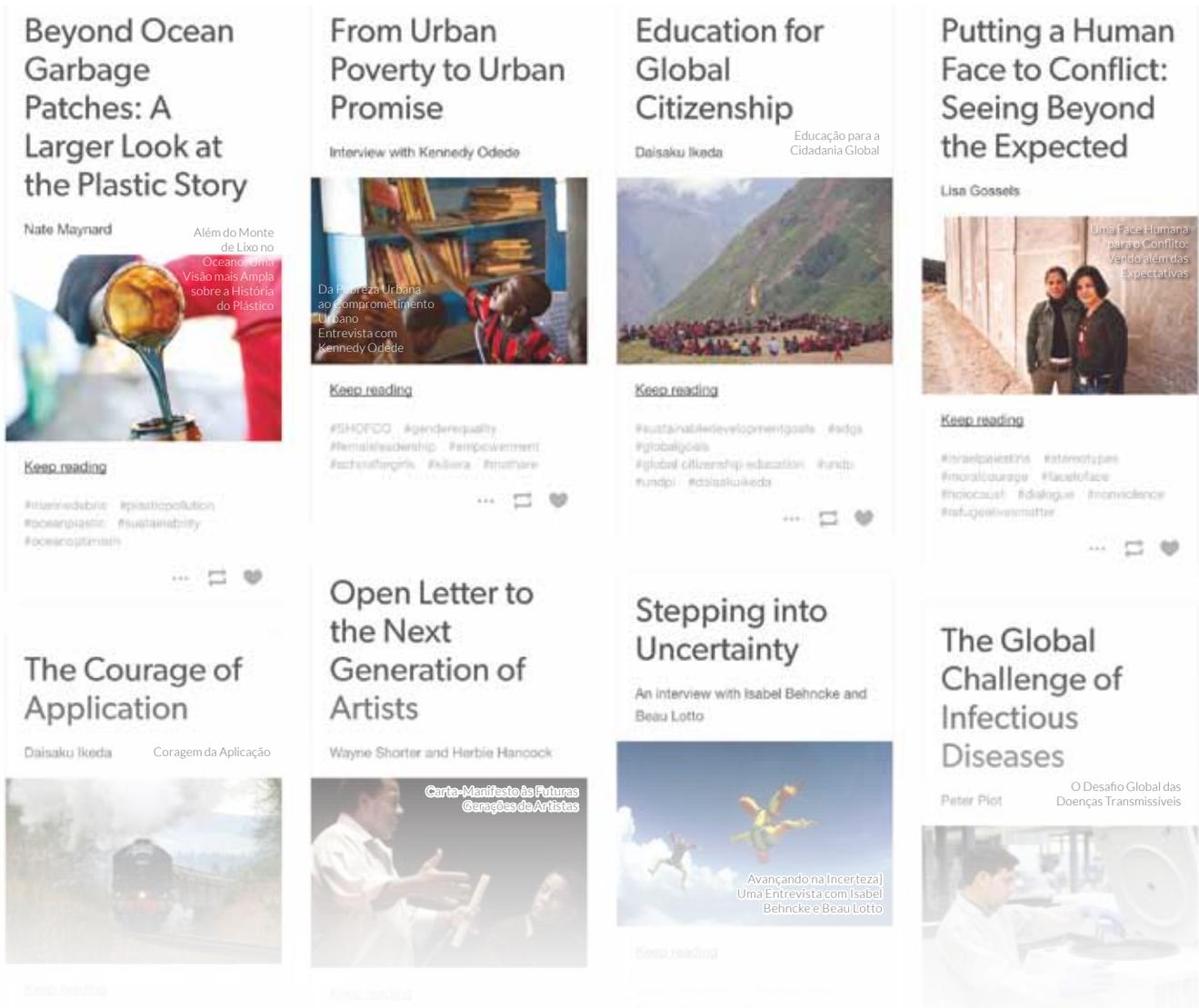
A organização é independente de qualquer governo, ideologia política, interesse econômico ou religião. É financeiramente autônoma. Suas atividades são financiadas principalmente por membros e apoiadores, além de doações públicas.

Qualquer cidadão do mundo pode se tornar membro da Anistia Internacional e ajudar a fazer a diferença real no mundo. O trabalho de pesquisa desenvolvido permite a descoberta de fatos e leva à demanda por mudanças. Sua atuação visa mobilizar e pressionar governos, grupos armados e empresas para promover e proteger os direitos humanos.

Para a Anistia Internacional, quando o direito de uma pessoa é violado, o de todas as outras está em risco.

Fonte: Site do órgão: <https://anistia.org.br/conheca-a-anistia/quem-somos/>.

que estava muito mais próximo do que eu imaginava! A guerra não acontece do nada, ela já está no coração de pessoas que têm essa predisposição e que fazem com que o conflito nasça”, explicou. Naquele momento agradeceu profundamente ao aprendizado prático obtido dentro da Soka Gakkai e pelos sábios conselhos e orientações recebidos do Dr. Ikeda ao longo dos anos. Ali, ela percebeu que para acabar com as guerras é preciso antes mudar o coração das pessoas. “Minha decisão de ser um valor para a paz é que me levou a este momento e a este curso, e desejo honrar este privilégio me tornando um ser humano de valor!”, finalizou Indyamara.



Common Threads



Apresentamos **Common Threads**, uma página Tumblr [em inglês] hospedada pela SGI, com o objetivo de gerar interesse em temas relacionados com o desenvolvimento de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos na busca pela paz. O blog apresenta artigos escritos por uma variada gama de colaboradores, na esperança de proporcionar um espaço de diálogo sustentável e para explorar respostas criativas para um mundo em mudança.

Common Threads pode ser acessado via commonthreads.sgi.org.

Convidamos você a participar da conversa, seguindo-nos no Tumblr e curtindo, reblogando e comentando nos posts. Se você estiver interessado em contribuir com um artigo ou recomendar um colaborador, favor contatar-nos em quarterly@sgi.org.



Crianças soltam balões na África do Sul para celebrar o aniversário do ex-presidente Nelson Mandela em julho de 2013

© CHIP SOMDEVILLA/GETTY IMAGES

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação budista leiga que promove a paz, a cultura e a educação com base no profundo respeito pela dignidade da vida. Os membros da SGI abraçam a filosofia humanística do Budismo Nichiren e atuam em 192 países e territórios.

A partir de um entendimento mútuo dos laços inseparáveis entre a felicidade individual e a realização de um mundo pacífico, os associados da SGI se empenham para manifestar seu potencial inerente, ao mesmo tempo que contribuem para a comunidade local e lidam com os problemas comuns que a humanidade enfrenta. Os esforços da associação para criar uma cultura de paz estão alicerçados num firme compromisso com o diálogo, a não violência e um senso de cidadania global, cultivados por meio da prática budista diária.

Como organização não governamental (ONG) filiada às Nações Unidas, a SGI também colabora com outras organizações da sociedade civil e com agências intergovernamentais nas áreas do desarmamento nuclear, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, dos assuntos humanitários e do diálogo inter-religioso.

No Brasil, a SGI se faz presente por meio da Associação Brasil SGI (BSGI), com sede em São Paulo e representações em diversas cidades brasileiras.



Soka Gakkai International
Budismo em ação pela paz

15-3 Samoncho, Shinjuku-ku
Tóquio 160-0017, Japão

Site da SGI: www.sgi.org

Site da SGI Quarterly (edição em inglês): www.sgiquarterly.org

A equipe editorial da SGI Quarterly (edição em português) recebe ideias e sugestões pelo site: www.bsgi.org.br